

O PROCESSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM DA ARTE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING ART AND ITS CONTRIBUTION TO THE FORMATION OF CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Jucilene Bezerra Silva **1**
Kelber Ruhena Abrao **2**

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal discutir a respeito do processo do ensino e aprendizagem da arte e sua contribuição para a formação da criança na Educação infantil. Além disso, visa discorrer sobre as mudanças contemporâneas no mundo infantil, perceptíveis a todos. Para tanto, nos perguntamos se existe, entre os docentes, a percepção das contribuições que Arte pode oferecer ao desenvolvimento infantil. Para tanto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, com os seguintes autores: Martins (1998), Fusari e Ferraz (2009), Oliveira (2002) entre outros. Chega-se a conclusão da importância do mesmo para os professores que lidam com as crianças no dia a dia das escolas e creches, pois é na escola que o brincar e a arte vão estar presente, desenvolvendo os sentidos das crianças para a vida adulta, e, para que isso aconteça é necessário dá importância para os mesmos no dia a dia.

Palavras-chave: Infância. Adultocentrismo. Arte.

Abstract: This article has as main objective to discuss the process of teaching and learning the art and its contribution to the formation of the child in early childhood education. In addition, it aims to discuss the changes in the contemporary world's playground, perceptible to all. To this end, we wonder if there is, between the teachers, the perception of the contributions that art can offer to child development. For this purpose, we used bibliographic research, with the following authors: Martins (1998), Fusari and Ferraz (2009), Oliveira (2002) among others. The conclusion is reached about the importance of it for the teachers who deal with children on day by day schools and daycare centers, because it is at school that playing and art will be present, developing the senses of the children to adult life, and, to make it happens it is necessary to give importance to it day by day.

Keywords: Childhood. Adultocentrism. Art.

Pedagoga graduada pela Universidade Federal do Tocantins. **1**
Câmpus de Miracema do Tocantins. E-mail: cilena911@hotmail.com

Graduado em Pedagogia, Letras Português Inglês, Educação Física **2**
e Biologia. Mestre em Educação Física e Doutor em Educação em Ciências e Saúde. Professor Adjunto II da Universidade Federal do Tocantins (UFT).
E-mail: kelberabrao@gmail.com

Introdução

Existem diversos conceitos sobre a Arte, até por existir uma série de correntes filosóficas e culturas que identificam a arte segundo a visão que determinados povos ou pessoas tem sobre ela. Ao longo dos anos, o artista tem modificado objetos, materiais, ideias, ou seja, dando novas formas e significados. Isso acontece conforme os resultados das determinantes socioculturais, pois, por meio delas, o artista vai marcando época.

Para tanto, não podemos esquecer que a arte é temporal, ela nasce e morre, o artista é persistente. E no âmbito escolar ela se integra nas diversas disciplinas do núcleo comum, principalmente na Educação Infantil. A arte é uma forma de expressão e comunicação humana. No entanto, na Educação Infantil, ela é utilizada, na maioria das vezes, como distração para as crianças, fazendo com que esta área de saber seja desvalorizada na Escola.

O presente trabalho pretende investigar o processo do ensino aprendizagem da arte e sua contribuição para a formação da criança na Educação Infantil, ou seja, como a arte é trabalhada no cotidiano da Educação Infantil? Nesse sentido, nos perguntamos se existe, entre os docentes, a percepção das contribuições que a Arte pode oferecer ao desenvolvimento infantil.

Na realização deste estudo foi utilizado como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica que possibilita buscar informações e comprovações do assunto abordado. Segundo Gil, (1999), a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

Desta forma, este estudo justifica-se devidos as Artes serem constituídas por elementos que despertam e expressam sentimentos, sentidos, imaginação e criação. Porém, a sociedade, assim como a escola está acostumada a encarar somente como lazer e entretenimento. Com isto, há uma necessidade para a efetivação do estudo sobre Arte na Educação infantil, e, conseqüentemente, a sua contribuição tanto para Educação Infantil quanto para o meio em que estão inseridos. Tendo como objetivo principal, analisar as percepções da arte e suas contribuições para Educação Infantil, para, além disso, visa-se identificar as iniciativas de trabalho da Arte na Educação Infantil; Observar como se dá o processo de inserção da criança no mundo da Arte e Analisar o modo de como as crianças utiliza a Arte para lidar com o mundo a sua volta.

Assim, o cotidiano da Escola de Educação Infantil é permeado por práticas expressivas com linguagens artísticas, no qual essas linguagens se tornam apenas instrumentos de comunicação usuais na ação da criança sobre o mundo e no fazer pedagógico do professor (CUNHA, 1999).

No entanto, os cursos de formação para professores contribuem para que as linguagens artísticas sejam concebidas apenas como instrumentos, pois em sua maioria não atribuem a Arte o mesmo tratamento que atribuem às demais áreas, isto é, não vêem na Arte uma área de conhecimento que possui peculiaridades que poderiam ser o foco das reflexões e articulação de situações de ensino por professores (ibidem).

Segundo Cunha (1999, p.10), “para que as crianças tenham possibilidades de desenvolverem-se na área expressiva, é imprescindível que o adulto rompa com seus próprios estereótipos”, assim, o professor tem que estar sempre presente e fazer parte do processo de descoberta da criança, desprezando os estereótipos e abrindo a mente para novas idéias e novos materiais, não só entendendo, mas vivenciando as linguagens da arte com a criança.

Com isto, a falta de formação faz com esses professores trabalhem apenas com a concepção que tem de arte e do seu ensino, construída ao longo de suas histórias pessoais. A partir disto, alguns pesquisadores e educadores têm se lançado na reflexão sobre o papel da Arte na escola construindo importantes referências que podem nortear as ações dos professores, e conseqüentemente, algumas escolas já vêm se propondo a pensar o lugar da Arte no currículo e essas iniciativas foram corroboradas recentemente também pelos documentos oficiais de orientação curricular, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte e o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil.

O ensino de Arte é área de conhecimento com conteúdos específicos que deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, que os professores sejam formados, para orientar a formação da criança. A educação em artes visuais como, desenho, teatro, danças típicas requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências

relacionadas aos materiais, às técnicas, às formas visuais de diversos momentos da história.

No entanto, a Arte é uma linguagem, que proporciona uma forma de expressão e comunicação humana, tendo como enfoque um papel fundamental, que envolve os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais, sendo suficiente para que se justifique sua presença na vida escolar, principalmente, na Educação Infantil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 veio garantir esse espaço, bem como o da Arte nesse contexto.

Fusari e Ferraz (2009, p. 17,18) relatam que com a “Educação Artística incluída no currículo escolar pela Lei 5692/71, houve uma tentativa de melhoria do ensino de Arte na educação escolar, ao incorporar atividades artísticas com ênfase no processo expressivo e criativo das crianças”. Com essas características,

Passou a compor um currículo que propunha valorização da tecnicidade e profissionalização, em detrimento da cultura humanística e científica predominante nos anos anteriores. [...], além disso, geralmente, a Educação Artística é enfocada de modo muito abrangente e, os professores se comprometem com objetivos que, por sua própria natureza, configuram-se como inatingíveis (ibidem).

Nesse contexto surgiu o problema desta investigação que configura-se em tentar compreender como as Artes Visuais podem contribuir para a construção de conhecimentos significativos na Educação Infantil.

A Arte, como uma forma de expressão e comunicação humana, tem o papel fundamental no desenvolvimento, pois envolvem os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais, na Educação Infantil (BRASIL, 1998).

Segundo as autoras Fusari e Ferraz (2009, p. 17), a educação através da Arte é um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procurando despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence.

A criança precisa ser trabalhada e desenvolvida tanto socialmente quanto a sua criatividade, sendo por meio do trabalho realizado com a arte nas escolas que isso será possível, pois, a arte se ensina e se aprende. Assim, proposta nos dias atuais na escola, da forma como tem sido trabalhada, tem deixado a desejar, pois o que acontece muitas vezes é o contrário, a arte está sendo usada como momento de descontração entre as crianças, o que prejudica muito a arte educação, pois desvaloriza a arte como disciplina e as crianças desde a Educação infantil já vê esta como uma matéria sem importância ou como uma aula que não vai trazer benefício a eles quando adultos.

Portanto, ao pesquisar sobre a Arte na Educação Infantil abordaremos aspectos de como esta é importante nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que estimula o universo lúdico de cada criança. No entanto, buscamos proporcionar subsídios para que professores e acadêmicos dos cursos de licenciatura possam buscar o aperfeiçoamento da área. Desta forma, propomos um instrumental teórico-metodológico, visando uma postura reflexiva e crítica sobre as práticas educativas em artes com crianças. No entanto, esta pesquisa torna-se muito importante para mim - enquanto futura Pedagoga - uma vez que a arte na Educação Infantil acaba por vezes, sendo descartada como campo disciplinar. Fato este que modificou minha forma de pensar quanto fui aluna, na faculdade, da disciplina de Arte e Educação, uma vez que despertou em mim o interesse em estudar sobre o tema dentro do âmbito escolar.

O ensino de arte no Brasil

O ensino de arte no Brasil tem uma trajetória desde o período colonial, bem interessante até chegar aos dias de hoje, e a arte tem sido um dos conteúdos nos quais pedagogos e arte-educadora mais têm se batalhado para ter aprovação com qualidade no processo educacional e uma busca de um espaço favorável à expressão da necessidade do homem enquanto ser social (BRASIL, 1998).

Com a criação dos PCN, a arte ganhou direcionamento, não sendo apenas mais uma

disciplina obrigatória dentro do currículo, mas sim algo prazeroso. No período colonial, as oficinas dos artesões faziam sucesso e, nos tempos dos Jesuítas, ocupavam o tempo dos índios uma vez que era necessário enquanto acontecia o processo de catequização na intenção de que eles pensassem como homens não índios (BRASIL, 1998).

Hoje ainda não é diferente, mas o homem se distrai com os próprios sentimentos. A realeza e a elite também praticavam a arte. Muitos passavam longas horas sentadas não pintando, mas, fazendo pôs para fotos/pinturas que procurava despertar o interesse não só da realeza para o conhecimento da arte com de famílias influentes do período imperial por causa do valor monetário. (BARBOSA, 2005).

A partir da constituição da república é que a arte é valorizada como meio de salvação, uma vez que as transformações sociais, políticas e no campo da educação vêm de uma vez para a sociedade e a arte começa a mudar a visão de mundo moderno, naquela ocasião. Porém, é com a semana das artes modernas que o Brasil amplia sua visão para uma arte mais ousada, irreverente, e se traduzia em sentimentos, emoções expressas livremente por artistas e alunos nas escolas de belas artes. (BARBOSA, 1991)

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96 - tornou obrigatório o ensino de Arte na educação básica. Como auxílio aos professores e, tendo em vista o cumprimento das determinações da nova LDB, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997. Mesmo no século XXI, após várias críticas ao ensino de arte e com diversas propostas renovadoras, a educação brasileira, em geral, ainda segue o modelo da tendência tradicionalista. (BARBOSA, 2005)

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (RCNEI) BRASIL, (1998), as Artes Visuais na Educação Infantil ao longo da história, “eram entendidas como mero passa tempo, não tinha importância”, as artes visuais envolvem: desenho, pintura, colagem, gravura, escultura, fotografia, desenho no computador, vídeo, cinema, televisão e outros.

Nos RCNEI a definição de criança organiza-se como sendo:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca (BRASIL, 1998, p.21).

Assim, a criança ao estabelecer interações com as pessoas e o meio em que vive ela estará construindo seu conhecimento e ampliando suas hipóteses sobre o mundo. De acordo com ainda com esse documento supracitado:

As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmos, dos outros e do meio em que vivem. (BRASIL, 1998, p.15)

A Arte é linguagem; sendo, dessa maneira uma forma de expressão e comunicação humana, ela tem papel fundamental, envolvendo os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais e, isso já é suficiente para que se justifique sua presença na vida escolar, principalmente, na Educação Infantil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 veio garantir esse espaço, bem como o da Arte nesse contexto (BARBOSA, 1991).

A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas, por meio dele,

a criança amplia-se a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender Arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas (BRASIL, 1998, p.19).

Assim, a Arte é uma forma de expressão e comunicação humana, que tem papel fundamental ao desenvolvimento, envolvendo os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais e, isso já é suficiente para que justifique sua presença na vida escolar, principalmente, na Educação Infantil. É muito importante para a sociedade educacional que as crianças desenvolvam desde pequena sua criatividade e sensibilidade para as artes em geral (BARBOSA, 2005).

A visão contemporânea de arte na Educação tem buscado resgatar o valor da desta na escola, o que se faz entender que é possível à construção cognitiva aponta a um conhecimento mais global da educação, e esse universo de modernidade dá espaço para a abordagem triangular, ou seja, é tratar a arte como uma conjunção de ações de leitura de imagens, contextualização e o fazer artístico, em outras palavras é a produção, leitura e contextualização, de maneira que, dar-se a tratar a arte com um conhecimento que pode ser abordado facilmente dentro da escola/ou sala de aula (BARBOSA, 2005).

Essa tríade de produção, leitura e contextualização deve estar bem clara, ou seja, para Barbosa, em diversas de suas obras, “a abordagem Triangular não estabelece o que fazer nem aponta como fazer, no qual caracteriza o fenômeno da Arte enquanto objeto de conhecimento na sua especificidade, distinguindo de outros objetos de conhecimento”. Ou seja, a criança terá oportunidade de expressar o que sente (pensamento, sentimento e emoções) da sua própria maneira. Nessa fase, a criança tem a liberdade de se expressar sem a interferência do adulto, o que é muito importante para sua formação intelectual. (BARBOSA, 1979, 1991 2005).

Os tipos de arte para as crianças

Como área do conhecimento, a Arte apresenta relações com a cultura por meio das manifestações culturais, como, as esculturas, pinturas e outros. Olhando a Arte sob uma visão antropológica é possível considerar que toda a produção artística e cultural é um modo pelo qual os sujeitos se entendem e marcam sua existência no mundo (FUSARI e FERRAZ, 2009).

No entanto, os artistas buscam, nas últimas décadas do século XX, no Brasil, educadores ligados à Arte, de fato que estes têm empreendido o movimento de resgate de sua valorização profissional e da valorização da Arte como um conhecimento que deve estar presente nos currículos em todos os níveis e modalidades de ensino (BARBOSA, 2005).

Assim podemos dizer que a arte é um fenômeno eminentemente humano, pois através da mesma damos sentidos e significados ao mundo que nos rodeia, aprimorando e dando sentido ao que para muitos pode parecer estranho e sem sentido, e que, ao poucos, por meio da arte, passa a ter dimensões simbólicas, expressividade e representação de ideias, através de linguagens particulares, como a Literatura, a Dança, a Música, o Teatro, a Arquitetura, a Fotografia, o Desenho, a Pintura, entre outras formas expressivas (BARBOSA, 1979, 2005).

Desta forma, segundo Fusari e Ferraz (2009), a arte vai ganhando este mundo que, nós, humanos, transformamos em um lugar de exclusão e morte em um ambiente mais belo e prazeroso de se viver. Para as autoras supracitadas, nos pressupostos conceituais que é contribuir para a difusão da Arte na escola, os últimos anos têm garantindo a possibilidade igualitária de acesso ao seu conhecimento.

O ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. (BRASIL, 1997, p. 20). Para tanto, o Parâmetro Curricular Nacional de Arte estabelece que a educação em arte propicie o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana, no qual o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas

quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. Assim na,

Educação Infantil as crianças poderão desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. Tais modalidades estabelecem critérios como intuito de promover a formação artística e estética do aluno e a sua participação na sociedade (BRASIL, 1997, p.49).

Por meio disto, corroborando com os pensamentos de Fusari e Ferraz (2009), bem como os de Barbosa (2005), será possível atender os níveis de aprendizagens do aluno no domínio do conhecimento artístico e estético, ou no processo de criação, pelo fazer, seja no contato com obras de arte com outras manifestações presentes nas culturas ou na natureza. “O estudo, a análise e a apreciação da arte podem contribuir tanto para o processo pessoal de criação dos alunos como também para sua experiência estética e conhecimento do significado que ela desempenha nas culturas humanas” (BRASIL, 1997, p.49).

As artes visuais

Na arte é desenvolvido o potencial, criador, a sociabilidade, a oralidade e a capacidade de improvisação, além de inúmeras habilidades motoras, mesmo que a arte como prática educativa tenha sido preterida em diversas situações. No entanto, a arte não era vista como uma contribuição ao desenvolvimento da inteligência pictórica nem como benefício ao aspecto cognitivo, emocional, físico e social da criança (BRASIL, 1998).

Ao rabiscar, desenhar ou pintar em diferentes suportes como amarelinha, na terra, no muro, na parede, ou, principalmente, no próprio corpo, a criança pode utilizar-se das artes visuais para expressar sua sensibilidade, pois as artes visuais envolvem: desenho, pintura, colagem, gravura, fotografia, desenho no computador, vídeo, cinema, televisão e outros.

Segundo Martins (1998), a arte, não imita objetos, ideias ou conceitos. Ela cria algo novo, porque não é cópia ou pura reprodução, mas a representação simbólica de objetos e ideias – que também podem ser visuais, sonoros, gestuais, corporais, entre outros - presentificados em uma nova realidade, sob outro ponto de vista. Portanto para o desenvolvimento da criança, são de fundamental relevância a experimentação e a sensibilização. O que a criança é, o que sente e sabe, ela aprende na exploração dos sentidos e dos contatos diretos (ABRÃO e BONORINO, 2013).

Segundo o Brasil (1998. p. 87), no RCNEI, ainda hoje, em muitas escolas, a arte não é interpretada pelo o educador como deveria ser:

Em muitas propostas as práticas de Artes Visuais são entendidas apenas como meros passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar, e modelar massinha e argila são destituídos de significados. Outra prática corrente considera que o trabalho deva ter uma conotação decorativa, servindo para ilustrar temas de datas comemorativas, enfeitar as paredes com motivos considerados infantis, elaborar convites, cartazes e pequenos presentes para os pais, etc. Nessas situações é comum que os adultos façam grande parte do trabalho, uma vez que não consideram que a criança tem competência para elaborar um produto adequado.

Quanto mais ela vivencia, sensorialmente, as coisas que têm para aprender, mais fácil serão para ela formar seus conceitos cognitivamente (ABRÃO; DEL PINO, 2016). Para perceber a

textura dos objetos, a melhor maneira dos objetos, a melhor maneira é passando a mão e sentido, explorando o tato, para identificar o que é doce ou salgado, a melhor maneira é provando, ou seja, experienciando.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, no que tange as artes visuais os objetivos são:

- Criar formas artísticas demonstrando algum tipo de capacidade ou habilidade;
- Estabelecer relações com o trabalho de arte produzindo por si e por outras pessoas sem discriminação estéticas, étnicas e de gênero;
- Identificar alguns elementos de linguagem visual que se encontram em múltiplas realidades;
- Reconhecer e apreciar vários trabalhos e objetos de arte por meio das próprias emoções, reflexões e conhecimentos;
- Valorizar as fontes de documentos, preservação e acervo da produção artística (BRASIL, 1998, p.62).

Quando criamos situações nas quais os sentidos, olhar, ouvir, cheirar, tatear e o paladar, são explorados, damos oportunidade aos alunos a serem filtros sensíveis no contato com o mundo. A leitura de imagens ou obras, conteúdo de Artes, mais especificamente artes visuais, se detalhados, constituem-se em canais de conhecimento, de maneira que desperte a sensibilidade da criança.

Ao aprimorar, aperfeiçoar o olhar dos alunos, promoverá a compreensão (FUSARI e FERRAZ, 2009) das artes visuais. Ler uma imagem ou uma obra de Arte é o mesmo que decompô-la, descrevê-la, minuciosamente, observando suas formas, texturas, cores, seu tema, mensagens e outros (BARBOSA, 2005).

As Artes Visuais devem ser concebidas como uma linguagem que tem estrutura e características próprias, cuja aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo, se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos: fazer artístico, apreciação e reflexão (BRASIL, 1998, p.89). O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiando também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação.

Para Martins (1998), ensina a Arte significa articular três campos conceituais: a criação, a percepção e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade. Assim, a arte é articulada ao fazer arte, o apreciar arte e o refletir sobre a arte, e a reflexão, se interliga com a contextualização. A educação em artes visuais como: desenho, teatro, danças típicas requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionadas aos materiais, às técnicas, às formas visuais de diversos momentos da história (IBIDEM).

A música e a criança

É notória a presença da música na vida das pessoas. Em diversos povos, culturalmente ela vem acompanhando a história da humanidade, bem como está presente em diversos momentos na vida do ser humano. Segundo Brasil (1998), ela é uma forma de expressão artística, tanto no campo popular quanto no erudito.

Nesse sentido, a linguagem musical faz-se presente especificamente em nosso país em suas diversas classes sociais e, no nosso Estado, Tocantins, se destaca nas diferentes manifestações religiosas, independente da crença religiosa de cada indivíduo. De acordo com o Parâmetro Curricular de Arte, na música os objetivos a serem alcançados são:

- Interpretar, improvisar e compor, demonstrando alguma capacidade ou habilidade;

Reconhecer e apreciar os seus trabalhos, de seus colegas e de músicos por meio próprias reflexão, emoção e conhecimentos, sem preconceitos estéticos, artísticos, étnicos e de gênero;

Compreender a música como produto cultural histórico em evolução, sua articulação com as histórias do mundo, as funções, os valores e as finalidades que foram atribuídas a ela por diferentes povos e épocas;

Reconhecer e valorizar o desenvolvimento pessoal em músicas nas atividades de produção de conhecimentos sobre a Música como produto e histórico (BRASIL, 1998, p.32).

Para tanto, de acordo com este documento oficial, e embasado em Brito (2003), é necessário conhecer os instrumentos que direciona o estudo da arte/música para as crianças em pequenas, uma vez que a música enquanto recurso didático pedagógico favorece a aprendizagem das crianças, pois possui o firme intento de atrair a atenção das mesmas.

A música, dentro do espaço escolar permite aguçar mais sentidos dos pequenos, fato este que contribui na expressividade da criança e, conseqüentemente, influenciará a vida do adulto (ABRÃO e BONORINO, 2013). Deste modo, a música será um suporte de aproximação entre as crianças e os demais, seja por iniciativa própria ou por iniciativa de colegas que se sentem bem mais à vontade em interagir.

Assim, os alunos inquietos, em certos momentos da aula, podem ser interpelados pelo professor da Educação Infantil por meio de uma música, mais popularmente na Educação Infantil, as cantigas de roda, por exemplo.

Muitos educadores utilizam a música como elemento educativo principalmente quando há bastante agitação em sala. A utilização da música pode envolver tanto emocionalmente quanto pela a letra, timbre ou melodia, e isto pode ser oferecido com trabalho contínuo com a música dentro das aulas de Educação infantil (BRITO 2003).

Segundo Brasil (2012, p52), a música é resgata no currículo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio do programa intitulado Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), na qual no seu teor há a seguinte afirmação:

Há sons e músicas por todo o lado, o que queremos formar na escola é um sujeito que construa seu repertório musical com base em opções e não por falta delas. A opção, a partir do domínio de conhecimento, valoriza a liberdade de escolha, a falta de opção nos deixa subordinados aos caprichos da mídia que escolhe o que vamos ouvir.

No entanto, mesmo sendo um programa com foco nos anos iniciais, podemos extrair fragmentos importantes no que tangem ao ensino da música. Dessa forma, como o ensino da música na Educação Infantil é importante, pois que ao tocar um instrumento ou cantando, a criança estará aprendendo a dividir, sendo provável que nas aulas de improvisação tanto a professora quanto os alunos irão se deparar com situações inusitadas, ou mesmo quando tocam no coletivo aceitam, com mais facilidades, que cada um tem seu momento específico de participar e ser ouvido (BRITO 2003).

Assim o ensino da música é um bom momento para as crianças pequenas participarem de uma socialização, pois a mesma é incentivada na musicalização que, ao cantar a música em grupo, estimula a ser um sujeito mais comunicativo, criativo, além de respeitar o tempo e a vontade do outro. Agregar a música com a expressão corporal é um exercício que desenvolve inúmeras habilidades, estimula a concentração, o ritmo além de propiciar o contato com o mundo. Para Sousa (2012, p. 34)

Como a forma mais completa de manifestar as diversidades culturais, não somente no Brasil, mas de todo o mundo, a música é a expressão do sentido, do prazer, do protesto, dos rancores e também se constitui em benefício para o bem-estar físico, mental e social. No entanto, é fundamental que o educador favoreça, por meio de atividades programadas, a exploração de diversos instrumentos de percussão, a demonstração de instrumentos de corda e de sopro, o contato corporal e os vínculos afetivos, instigando a curiosidade pelo saber e fazer musical. Os conteúdos devem abordar melodia, ritmo, harmonia, sons e silêncio.

Segundo Brasil (1998, p. 79), no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

A importância da música na Educação Infantil é o reconhecimento e utilização expressiva, em contexto musical das diferentes geradas pelo o silêncio e pelos os sons: altura (graves ou agudos), duração (curtos ou longos), intensidade (fracos ou fortes) e timbre (características que distingue e personaliza cada som). A música mantém uma forte ligação com o brincar. Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz de conta; esses jogos e brincadeiras são importância da infância. Assim, a música possibilita que os jogos e brinquedos musicais da cultura infantil incluem acalantos, as parlendas, as rondas (canções de roda), as adivinhas, os contos, os romances e outras. Os jogos sonoro-musicais possibilitam a vivência de questões relacionadas ao som e silêncio, se desenvolve a expressão corporal, a concentração, a disciplina e a atenção.

A música desenvolve na criança a sensibilidade, criatividade, senso-crítico, ouvido musical, prazer em ouvir, expressão corporal, imaginação, memória, atenção, concentração, respeito ao próximo, autoestima. Isto é, uma gama de benefícios que são proporcionados às crianças que têm a possibilidade de experiências nos momentos de educação musical. Outra forma de expressar a criatividade e sensibilidade na criança é o teatro. Interpretando ou sendo improvisando a criança sente prazer em revelar personagens que do mundo da imaginação se torna real (BRITO 2003).

O Teatro e a Educação

Segundo o Aurélio (1993), A palavra “teatro” deriva dos verbos gregos “ver, enxergar”, lugar de ver, ver o mundo, se ver no mundo, se perceber, perceber o outro e a sua relação com o outro. Dessa forma, de acordo com a visão pedagógica, o teatro tem a função de mostrar o comportamento social e moral, através do aprendizado de valores e no bom relacionamento com as pessoas (FERREIRA, 2006).

Os textos do teatro infantil eram adaptações de obras europeias carregadas do moralismo vigente na época. Portanto, o teatro infantil teve a sua origem na moral cristã, no didatismo e na moral europeia, e este quadro só começa a mudar durante a década de 70, passando o teatro-infantil a ser um gênero específico. O contato da criança com o teatro se dá, basicamente, pela escola ou igreja. No entanto, em ambos os espaços o espetáculo é marcado mais pelo viés pedagógico do que pelo estético propriamente dito (FERREIRA, 2006).

Trabalhar com o teatro na sala de aula, e não apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas representá-las, inclui uma série de vantagens obtida, segundo Ferreira (2006), tais como o aluno aprender a improvisar, desenvolver a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz,

aprender a se entrosar com as pessoas, desenvolver o vocabulário, trabalhar o lado emocional, desenvolver as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário).

Além disto, para a autora, embasada pelos fundamentos também de Barbosa (2005), oportuniza a pesquisa, desenvolvendo a redação, bem como trabalhando a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propiciando o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens.

Desta forma, ajudam os alunos a se desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimulando a imaginação e a organização do pensamento, que na educação infantil encontrasse, muitas vezes na fase sincrética.

Para Barbosa (1993), o teatro estimula o indivíduo no seu desenvolvimento mental e psicológico. No entanto, além disso, o teatro é arte, uma arte que precisa ser estudada não apenas em níveis pedagógicos, mas também como uma atividade artística que tem as suas características específicas.

Assim os Parâmetros Curriculares Nacionais buscam identificar os diversos argumentos sobre a importância do conhecimento artístico. A abordagem dramática na educação admite a importância do teatro infantil e considera-o como base da educação criativa. O teatro na escola, de acordo com os PCN, tem o intuito de que o aluno desenvolva um maior domínio do corpo, tornando-o expressivo, um melhor desempenho na verbalização, uma melhor capacidade para responder às situações emergentes e uma maior capacidade de organização de domínio de tempo (BRASIL, 1998).

No entanto, o teatro essencialmente tem a função de prazer, alegria, algo essencialmente agradável. Não no sentido de peças teatrais, com temas relacionados a coisas boas ou temas que seguem certas regras de conduta, mas agradável no sentido que a mimeses/imitação, o atuar, foi belo, real.

Ação de apreciar refere-se a análise da produção artística individual e do outro, interpretando segundo seus conhecimentos preconcebidos, a produção histórico-social em sua diversidade, a identificação de qualidades estéticas e significados artísticos no cotidiano, nas mídias, na indústria cultural, nas práticas populares, no meio ambiente. (BRASIL, 1997, p.50). Contextualizar é situar o conhecimento do próprio trabalho artístico, do outro e da arte no contexto social, histórico e cultural. Nesse sentido, segundo os PCN, acredita-se que tanto para a organização quanto para a seleção de conteúdos de Artes visuais é preciso considera:

- Conteúdos que favoreçam a compreensão da arte como cultura, do artista como ser social e dos alunos como produtores e apreciadores;
- Conteúdos que valorizem as manifestações artísticas de povos e culturas de diferentes épocas e locais, incluindo a contemporaneidade e a arte brasileira;
- Conteúdos que possibilitem que os três eixos da aprendizagem possam ser realizados com grau crescente de elaboração e aprofundamento (BRASIL, 1997, p.51).

Assim, a arte em termos gerais, tem suas as diretrizes atentas para a multiplicidade de informações visuais ao redor do aluno, instigando-o ao conhecimento, amplitude da visão e posicionamento crítico, uma educação para saber ver e perceber, distinguindo sentimentos, sensações, ideias e qualidades contidas nas formas e nos ambientes (BRASIL, 1997, p.64).

Nos conteúdos também estão inclusos modalidades resultantes do avanço tecnológico, visuais como: fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador.

O Ensino da Arte (*Artes Visuais, Dança, Música e Teatro*) possibilita aos alunos da Educação

Básica o acesso às linguagens artísticas e, no caso do presente material, reforçamos a presença de todas as linguagens da Arte na educação de crianças no ciclo de alfabetização. Logo, avaliar deverá ter como ponto de partida o conteúdo do trabalho, de acordo com os (BRASIL, 1993, p. 98).

A Dança para a criança

O ritmo esta dentro do ser humano desde o momento da gestação, quando o feto em desenvolvimento é capaz de escutar as batidas do coração da própria mãe e sentir se protegido. A dança é uma manifestação universal que contagia as pessoas e está presente em qualquer tipo de cultura, pois é uma maneira de compreender a estrutura e o funcionamento do corpo e os elementos que compõem em seu movimento; Desde a Idade Antiga, já havia diversas manifestações culturais que possibilitavam aos coletivos de amizades desenvolvimento sociais. A dança foi muito útil para as sociedades antigas, pois sempre que alcançavam vitórias dançavam e ofereciam aos deuses sua gratidão. Neste sentido, faz se necessário: “Interessar-se pela dança com movimento coletivo”, bem como, “compreender e apreciar a s diversas danças como manifestações culturais”. Para Godoy (2010 p. 56),

A criança é um ser em constante mobilidade e se utiliza disto para buscar conhecimento de si e de tudo o que está a sua volta. Mas o conhecimento de mundo para a criança é um processo longo que se inicia no contato com a mãe, por meio do choro quando tem fome, frio etc., e se estende ao longo da vida em situações comunicativas presentes nas relações interpessoais.

Já nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Vol. III (BRASIL, 1998)

Sugerem, no âmbito de experiência de conhecimento de mundo, eixos de trabalho orientados para a construção das diferentes linguagens pelas crianças e para as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento: movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza, sociedade e matemática.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A Arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A Arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor, por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos (BRASIL, 1998, p. 45).

A dança na escola pode propiciar um contato estreito com a cultura local, no sentido de ampliar a observação das formas de dançar e perceber o corpo em movimento, desenhando novas possibilidades estéticas, resgatando histórias corporais e construindo tantas outras. Assim, a dança pode construir com as crianças muitas corporalidades, diversas possibilidades de relacionar-se consigo, com o outro e com o meio sociocultural (GODOY, 2008).

A criança se movimenta nas ações do seu cotidiano. Correr, pular, girar e subir nos objetos são algumas das atividades dinâmicas que estão ligadas à sua necessidade de experimentar o corpo

não só para seu domínio, mas para a construção de sua autonomia (BRASIL, 2000).

A ação corporal, segundo Abrão e Bonorino (2013) é a primeira forma de aprendizagem da criança, nesse sentido a psicomotricidade está ligada à atividade mental. A criança se movimenta não só em função de respostas funcionais, mas pelo prazer da ação do movimento, para, posteriormente, explorar o meio ambiente, adquirir mobilidade e se expressar com liberdade. Nesse sentido, a criança constrói, a partir destas vivências corporais, um vocabulário gestual fluente e expressivo que pode ser estimulado pela apresentação da linguagem da dança a ela (IBIDEM).

Para Lima (2011) “As expressões corporais em si, assim como a dança, nos remetem a um trabalho artesanal corporal, o que contradiz com uma visão mais conservadora que educadores têm dos nossos alunos, onde o movimento é visto como motivo de desordem e não de aprendizado”, ou seja, se uma criança sai correndo durante a aula de Educação Física, pois há uma necessidade natural de se movimentar, ela é vista como alguém que está desobedecendo a uma regra que tem como objetivo a estática do corpo enquanto o professor passa a atividade e essa movimentação se restringe apenas há um tempo e espaço pré-determinado pelos professores, chamado muitas vezes, recreio, ou nos anos iniciais como dia do brinquedo, ou hora do brinquedo (ABRÃO, 2012).

É na recreação ou durante a Educação Física do ensino infantil que as crianças estão sempre interagindo, brincando de “lutinha”, não com a intenção de se machucarem ou desobedecerem aos professores, mas sim como uma forma de contato e interação uns com os outros. No entanto, os educadores ainda enxergam essa prática como algo ruim ao processo de aprendizado, alegando que essa movimentação prejudica a concentração e posicionam-se diante do movimento como algo que precisa ser restrito, tornando essas atividades apenas parciais, limitadas as suas regras, sendo então pseudo-atividades, em que os movimentos são pré-estabelecidos e não espontâneos (ABRÃO e BONORINO, 2013).

Assim, Abrão (2012) a firmar que uma das funções dos professores é estimular a criança não só para as ações, ou neste caso, as danças individuais, mas, sobretudo para as criações coletivas. Já no Referencial da Educação Infantil, BRASIL (1998) essas manifestações artísticas proporcionam a integração entre as crianças em torno da observação da cultura para a composição cênica. Esta pode ser uma estratégia potencializadora da expressividade na criança, pois esta “se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o corpo” (BRASIL, 1998, p. 35).

Arte e o mundo ao redor: a visão adultocentrica x a visão da criança

A arte e o mundo para as crianças nunca foi fácil, considerando as condições sociais pelas quais viviam as crianças no início do século, com o advento da Revolução Industrial muitas mães tiveram que trabalhar fora do lar. Segundo Kishimoto (1998) no Brasil, a educação de crianças pequenas teve início em meados do século XX, esse período foi marcado pela industrialização, pelo discurso higienista e pela constituição das primeiras creches brasileiras que objetivavam diminuir a mortalidade infantil e incentivar campanhas de aleitamento.

Oliveira (2002) argumenta que com a rapidez com que veio a industrialização manifestou também a falta de uma infraestrutura urbana em termos de saneamentos básicos, moradia, entre outros, o que provocou a evidência para no surgimento de perigo constantes em relação à saúde como: Epidemias. Essa situação forçou o poder público a criar meios mais imediatos para resolver os problemas e dá soluções para a população e as creches seria um desses paliativos, por causa das péssimas condições de vida principalmente da classe operária, que deixava o interior para residir nas grandes cidades passando a habitar em ambientes com pouca ou nenhuma condição para manter as crianças.

Já nas décadas de 70 a 80, o Brasil é marcado por diversas manifestações e lutas pela democratização, as pressões sobre o poder público eram intensas que, resultou na elevação do número das creches naquela época mantida e gerenciadas pela administração pública, resultando posteriormente na oferta de atendimento as crianças de zero a seis anos e na elaboração do Referencial Curricular da Educação Infantil (ABRÃO 2012).

Outras leis também favoreceram mudanças destinadas à criança de zero a seis anos, como: A Constituição de 1988, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº (9394/96),

que reconhecem como dever do Estado o atendimento de crianças de 0 a 6 anos em instituições educativas – creches e pré-escolas. Além desses documentos, as crianças tiveram seus direitos reconhecidos, também no Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A) e no Referencial Curricular (ORTIZ 2012).

Em 1998, o Brasil toma a liberdade de propor um Referencial que norteasse a dinâmica de trabalho para as crianças, e neste documento a criança é tida como sujeito histórico e social; ou seja, ele tem e terá capacidades próprias de agir e pensar o mundo, mesmo dentro das limitações que o cerca. Até porque as crianças são criativas e improvisa muito bem, obtendo significado e ao mesmo tempo ressignificando situações.

A criança como todo ser humano é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Envolvida em seu meio social, a criança absorve conhecimentos subjetivos entre os adultos, que são transmitidos para as mesmas sem que o próprio adulto perceba, mas que seu comportamento entra para o seu subconsciente e aos poucos vai formando o sujeito social e histórico, às vezes não da maneira como a sociedade espera, mas que completar a família de forma positiva e negativa (ABRÃO, 2012).

Outro documento criado em 1990, é o Estatuto da Criança e do Adolescente, que define criança em infância como pessoa que tem até 12 anos de idade incompletos, já adolescente é definida como pessoa que tem entre 12 e 18 anos. Isso nos leva a entender com que faixa de idade trabalha-se neste processo de conhecimento da criança dentro da arte. No Estatuto da Criança e do Adolescente, a criança não escreve a própria história, ou seja, a história é escrita pelos adultos, ou seja, o mundo ao redor da criança pode modificar seu comportamento. Para Kuhlmann (1998)

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais e muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc, reconhecê-las como produtoras de história. (p. 30).

Dá-se a entender que a criança pode ser produtora da própria história, por estar inserida em diversos contextos históricos, geográficos e sociais. No entanto, para a sociedade a criança teve e tem um valor social que foi construído ao logo do processo de inserção da mesma no mundo. O propósito ideológico e o valor social ganham uma esfera de curiosidade para pesquisadores sociólogos que tendem a esclarecer que a “dependência da criança em relação ao adulto é um fator social e não natural, como é o pensamento do sociólogo francês Bernard Charlot”. No entendimento de Bazílio e Kramer (2008, p. 86), “a distribuição desigual de poder entre adultos e crianças tem razões sociais e ideológicas, que repercutem no controle e na dominação de grupos”.

Ao observar as culturas tradicionais, tais como, indígenas e quilombolas, por exemplo, nota-se grande respeito a crianças e, em outros casos, há crianças vítimas da própria cultura, ou seja, que são desprezadas e condenadas a morte principalmente quando nascem com algum tipo de deficiência ou seja, o genocídio. Para Citon (2012, p. 12), “A antropologia também propicia conhecermos a diversidade das populações infantis, as práticas culturais entre adultos e crianças, assim como brincadeiras, músicas, histórias, valores, significados”.

Por esse reconhecimento, o Brasil constrói o documento de quem são suas crianças através dos RCNEI, que ajuda entender como de fato é o mundo da criança pequena quando as mesmas se envolvem na música, teatro, dança e jogos de improvisação entre outros. No entanto, as mudanças

que vem ocorrendo no mundo são a cada dia mais perceptíveis, pois, muitas vezes, tiram das crianças as maneiras delas se expressarem como querem fazer, ao passo que também mudam os valores tirando-lhes o direito da infância como, por exemplo, o uso excessivo da tecnologia, jogos eletrônicos, televisão entre outros, isso afeta sua expressividade no dia-a-dia, pois modifica seus valores. Nesse sentido, para Gonçalves (2010, p. 12)

A sociedade vem ao longo do tempo passando por diversas transformações, nos aspectos econômico, cultural, social e político, o que leva a mudança de valores, estilos de vida, a relação do homem com o próximo, mudança de cultura, crenças, valores, regras, atitudes e interesses, onde é gerada uma sociedade complexa que carrega diferentes vivências que colaboram para a redefinição da infância sob várias perspectivas, e principalmente para a “adulterização” da criança, Assim, os diversos produtos da modernidade (a televisão, a internet, a mídia, dentre outros), vão influenciando a vida das crianças, ficando perceptível que cada vez mais as crianças estão usando as mesmas roupas dos adultos, participando das mesmas festas, usando a mesma linguagem, vendo os mesmos programas de televisão, vendo e lendo as mesmas revistas, usando os mesmos acessórios, e se comportando tal qual os de maior idade. A família e a escola hoje não são mais capazes de controlar tudo o que a criança vê, ouve, descobre, e nesse caminho, tanto a escola quanto a família já não são mais tão importantes como instituições que apresentam o mundo às crianças, que as ajudam a fazerem descobertas, e assim, a mídia vai ganhando mais espaço e as novas tecnologias cada vez mais influenciam as suas atitudes, e vão cada vez mais entrando no mundo dos adultos, porém nem sempre de maneira positiva.

A criança sofre adulterização com grande rapidez e facilidade, principalmente pelo uso da televisão e da internet, que está presente em grande parte dos domicílios de milhões de brasileiros, independentemente de qual seja a classe social que ocupa, porque, infelizmente, elas ditam a maneira de viver das pessoas através de um outro tipo de arte, que é a moda, como, por exemplo, a cor dos cabelos, estilos de roupas, moda e lançamentos de calçados, jogos de maquiagem na internet, maquiagem que promete milagres para a pele do rosto. É notório o aumento do número de comerciais voltados para o consumismo infantil. Nesse sentido, diferentemente do que outrora acontecia e era apontada por Philippe Ariès (1981, p.52) a criança é vista como um ser em potencial para a indústria do consumo “para os homens dos séculos X - XI, a infância não tinha interesse nem realidade, pois era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também logo era perdida”.

Nos dias de hoje, as particularidades da criança vão sendo esquecidas como as brincadeiras que as divertiam, tais como pega-pega, esconde-esconde, duro ou mole, polícia e ladrão, queimada, paredão entre outras. Estas brincadeiras ajudavam as crianças a diferenciar do mundo dos adultos. ARIÈS (1981, p. 99), ainda argumenta que “logo que a criança crescia um pouco mais era misturada aos adultos, participando de seus trabalhos, jogos, e costumes em geral”, não sendo diferente para os dias atuais.

Essas mudanças vêm com a globalização, infiltrando todos os espaços possíveis, desde a família aos grupos sociais em que a criança está inserida. Isso “estabelecer-se de forma universal, sob influências do poder político, das organizações internacionais, e pela disseminação de imagens dominantes que fazem da infância uma categoria única, um único modelo» (SARMENTO, 2001, p.14). Ou seja, a criança está presa ao adulto em tudo que vai fazer, essa é a mais fácil materialização

da adultização social (ABRÃO, 2013).

Como a criança enfrenta esse mundo adultocentrico

As crianças sabem como lidar com a nova manifestação do mundo, porque para elas são novidades não vivenciadas, por isso, são capazes de recriar sua vida, de mudar suas brincadeiras e de adaptar a novas circunstâncias. Mesmo em meio às novas tecnologias e inovações para nós, adultos, as crianças estão sempre brincando ao nosso redor, seja brincadeiras do passado ensinadas por alguém ou não, ou até mesmo inventadas por elas mesmas, assim conseguem adaptar o ambiente em que vivem, dando novos significados e interpretações de acordo a sua maneira de ser. Delgado e Miller (apud) Bastide (1961, p. 153, prefácio) perguntava: “O que somos nós, para as crianças que brincam ao nosso redor, senão sombras?”.

Para alguns teóricos como Graue e Walsh (2003, p. 45) a lógica adultocêntrica esta nos seguintes pensamentos:

Ser adulto implica aceitar a ideia de que para as crianças, por vezes, “somos como os móveis da casa, parte do cosmo exterior, não pertencemos a seu mundo, que tem seus prazeres e seus sofrimentos” [...] os investigadores vêem as crianças como janelas abertas para as leis psicológicas universais ou como indicadores dos efeitos de tratamento de dados. Negando esta concepção os autores defendem a importância de que os investigadores pensem nas crianças nos seus contextos, nas suas experiências e em situações da vida real.

Nesse sentido, ou autores supracitados enfatizam que é necessário um interesse particular pelas crianças, como sujeitos de direitos, pelos modos às quais elas negociam e interagem em grupos, ou seja, “o que se passam ‘entre’ elas, e não ‘dentro’ delas”. Desta forma, ainda para os autores, procuramos os significados das crianças e não dos adultos.

Dentro do processo de inicialização do capitalismo, muitas crianças foram forçadas a trabalhar cedo demais e outras passaram a viver em instituições asilares longe dos pais, principalmente das mães para que estes tivessem tempo para trabalhar. Marx e Engels (1979) defendiam que a criança desde cedo deveria ser inserida no mundo do trabalho para se preparar para a vida em sociedade com o advento da Revolução Industrial, muitas mães tiveram que trabalhar fora do lar.

Segundo Kishimoto (1998), no Brasil, a educação das crianças pequenas teve início em meados do século XX, com a constituição das primeiras creches brasileiras. Uma preocupação que o governo tinha era diminuir as taxas de mortalidade infantil cada dia mais frequente.

A primeira regulamentação sobre o trabalho da mulher veio em 1923, que previa a instalação das creches, com salas de amamentação próxima ao ambiente de trabalho e que em estabelecimentos comerciais e industriais deveriam facilitar a amamentação durante a jornada de trabalho das empregadas. No Brasil, as lutas pela democratização surgem nas décadas de 1970 a 1980, para que o Poder Público atendesse e dessas mais condições as crianças nas creches, resultando posteriormente na oferta de atendimento as crianças de zero a seis anos e na elaboração do Referencial Curricular da Educação Infantil documento norteador da Educação Infantil (ABRÃO, 2012).

Outras leis também favoreceram mudanças destinadas à criança de zero a seis anos, como: A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº (9394/96), que reconhecem como dever do Estado o atendimento de crianças de 0 a 6 anos em instituições educativas – creches e pré-escolas. Além desses documentos, as crianças tiveram seus direitos reconhecidos, também no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA (ABRÃO, 2012)

Segundo Ortiz (2012, p. 23), é o Referencial Curricular da Educação Infantil em que atividades são definidas como necessárias ao estímulo e desenvolvimento das crianças de 0 a 6 anos, considerando que o espaço institucional, as “creches” onde os bebês ficam, são locais onde devem respeitar as especificidades da faixa etária, sendo constituído como foco em dois eixos importantes

e fundamentais para desenvolvimento da criança que são: a brincadeira e as interações.

Para Oriente e Souza, (2011, p.25), viver em abrigo: com a palavra, a criança, neste artigo ela cita a forma como a visão adultocêntrica é conduzida.

A visão adultocêntrica que até hoje sufoca a voz da criança continua determinante em nossa sociedade. A invisibilidade do ser criança, a pouca compreensão dessa fase tão peculiar do ser humano e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de o adulto que com ela convive ser capaz de percebê-la, geram na criança um profundo sentimento de abandono – que não se desvanece no adulto que busca, muitas vezes, ajuda profissional, sem compreender exatamente o que acontece com ele.

Temos hoje, em todos os ambientes, mais crianças estressadas, obesas e ansiosas do que há anos atrás, por não sabem e não tem escapes para resolver seus problemas que são gerados pelos próprios adultos, isso causa mal estar nas crianças pequenas que não sabem em que mundo vive dos adultos ou das crianças. Por isso temos crianças deprimidas e pais desnorteados sem saber o que fazer naturalmente haverá adolescentes problemáticos com pouco relacionamento com a família e fadados aos jogos eletrônicos ou a usar drogas. O processo adultocentrico traz perturbação para a criança, mas pode ser também um grande avanço na qualidade de vida de ambos família e sociedade (ABRÃO e BONORINO, 2013).

Considerações

A realização deste trabalho de pesquisa bibliográfica foi extremamente gratificante, condicionou-me a fazer leituras e a conhecer a arte na educação com um olhar diferente do que já tinha. Fato este o que possibilitou a busca por mais conhecimento sobre o assunto, o que - se a entender a real importância para o tema proposto para este trabalho que foi: o processo do ensino e aprendizagem da arte e sua contribuição para a formação da criança na educação infantil, na vida das pessoas adultas e das crianças também, pois, compreende-se que a arte faz parte da vida de qualquer pessoa independente da idade.

Entendo que diante de tantos teóricos que buscam meio de explicar sobre o processo do ensino e aprendizagem da arte e sua contribuição para a formação da criança na Educação Infantil, um ponto fundamental a ser valorizado do pequeno, enquanto ser humano e dotado de necessidade físicas e emocionais que precisam ser respeitadas pela pessoa adulta.

Para o processo acadêmico, a leitura é fundamental por fazer com que o nós, estudantes, adentremos nesse processo, o de função formadora, de caráter científico, e escrevamos para que o outro possa ler e, também, assim como nós, tenha a visão de mundo ora estudada, por isso, essa prática se torna desafiadora. Os objetivos propostos são alcançados à medida que o estudo avança.

Nesse sentido, gradativamente a pesquisa vai tomando forma e as ideias antes não percebidas vão ganhando clareza nos objetivos propostos, o que nos faz perceber que a arte está presente na vida da criança por meio da dança, do teatro, da música e dentro deste processo de formação do conhecimento a /clareza do adultocêntrico. Diante do processo do ensino e aprendizagem da arte e sua contribuição para a formação da criança na educação infantil, verifiquei a importância da arte para que as crianças enfrentem as demais fases da vida com traumas ou problemas sociais, sem deixar de lembrar que o grande inimigo de si mesmo é lembrar que o mercado de trabalho ou a vida pregaram inúmeras peças do cotidiano que vai depender da forma de ver o mundo. Por isso a contribuição da arte na vida da criança pequena é de suma importância para entrosamento com o mundo ao seu redor, reporta-se ao tempo de infância quando os quintais eram grandes e a rua era livre de fluxos de carros e as crianças passavam horas e horas brincando com os colegas da rua de pega...pega, queimadas, pique-esconde, entre outras brincadeiras cheias de criatividade. É verdade que houve um estreitamento de espaços para as crianças brincarem como: moradias em apartamentos, quintais pequenos, grande fluxo de carros nas ruas e menos

vínculos familiares e uma ampliação da carga horária nas escolas devido à jornada de tempo integral distanciando a família podendo romper laços afetivos.

Por outro lado as leis que garantem a integridade das crianças na sociedade culminam para uma educação de qualidade fora e dentro da escola, e se dentro das escolas então o que é ofertado dentro da escola visa suprir o que a criança não tem fora dela. Não que haja rompimento dos laços afetivos quando existe esse tipo de afastamento. A pesquisa realizada apontou que, mesmo com o afastamento temporário da família, os laços afetivos não são rompidos; ao contrário, estes podem ser fortalecidos, pois a distância não serve como barreira para a expressão do carinho e do afeto.

Ao elaborar este trabalho, chega-se a compreensão da importância do mesmo para os professores que lidam com as crianças no dia a dia das escolas e creches, uma vez que é na escola que o brincar e a arte vai estar presente, desenvolvendo os sentidos das crianças para a vida adulta, e para que isso aconteça é necessário dá importância para os mesmos no dia-a-dia. Ou seja, os direitos das Crianças e dos Adolescentes e o Referencial Curricular precisam está juntos para fazer a diferença na sociedade atual para que as gerações futuras não sofram com o descaso social e perca sua identidade na formação segura do amanhã.

Referências

_____. A política de organização das infâncias e o currículo da Educação Infantil e do primeiro ano. **Zero-a-seis**, v.1. Florianópolis: UFSC, 2012.

ABRÃO, K. e FIGUEREDO, M. A Corporeidade Infantil Nos Espaços da escola. **Vivências**. Vol.9, N.16: p. 20-28, Maio/2013.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2. edição. 1981.

BARBOSA, Ana Mae Tavares de Bastos. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

BRASIL, Ministério da Educação, Cultura e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Artes. 1993.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular para a educação infantil**: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação edo Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: Arte. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRITO, T. A. **Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.

CITON. F. e HARTMANN D. **Brincar Na Educação Infantil: O Papel Do Professor no Apoio às Vivências Lúdicas** - Universidade Federal de Londrina, 2012.

CUNHA, S. R. V. **Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil**. In: CUNHA, S. R. V. da (Org.). *Cor, som e movimento*. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 7-36.

DELGADO, A. C. D. e MÜLLER, F. **Sociologia da infância: pesquisa com crianças**. Educ.

Soc. vol.26 no.91 Campinas May/Aug. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo> acesso dia 10/11/2016.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, TAÍS. **A escola no teatro e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C.T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2009.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. O estudo de caso qualitativo. p. 115-143. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (org.).2.ed. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

GODOY, KATHYA Maria Alves. **A dança na educação infantil** / Adriano Alves de Lima. – Campinas, SP: [s.n], 2011(2010).

GONÇALVES, J. **A Influência do Mundo Adulto na Vida das Crianças**. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-do-mundo-adulto-na-vida-das-criancas/33412/#ixzz4PbtCk1VJ>>, postado em fevereiro de 201, acesso dia 10/11/2016.

GRAUE, E.; WALSH, D. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KUHLMANN, JR.M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. PortoAlegre: Mediação, 1998.

MARTINS, M. **Didática do Ensino de Arte: a língua mundo: poetizar, fruir e conhecer a Arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MARX, K. e ENGELS, F. **Obras Escolhidas de Marx e Engels**, v. 1. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.

OLIVEIRA, Z. de M. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

ORIONTE, I. & SOUZA, S. M. G. **Viver em abrigo: com a palavra, a criança. Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 2(1), São João del-Rei, Mar./Ag., 2007.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês. Cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Edgar Blücher Ltda., 2012.

SARMENTO, M. J. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In GARCIA, R. L; FILHO, A. L.(orgs). **Em defesa da Educação Infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SILVA, B. e CAIQUE, T. **Que brincadeira é esta? O “Direito” de nossas crianças**. 2011. Disponível: intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/3202/2950 postagem 2014 acesso dia 23/11/2016.

SOUSA, N. **Diagnóstico do uso da música como recurso pedagógico na educação infantil**. v. 2, n. 2 (2012). **Revista Eletrônica**. Acesso dia 02/11/2016.